



PALAVRA DE ESPECIALISTA

MANOEL RUBIM DA SILVA

Contador – Auditor Fiscal da Receita Federal – Professor do Decca-Ufma.
email: manoel_rubim@uol.com.br

SÃO LUÍS: “MON AMOUR”

No início da semana em que a Ilha do Amor, da Rebelião e da Cultura completa mais um ano da sua existência, não poderia deixar de dirigir a esta linda ilha, em que tive a sorte de vir ao mundo, alguns galanteios, bem merecidos, por essa quase quatrocentona cidade, que respira ansiosa e esperançosa, pelo seu reconhecimento de cidade mistério, do amor, da poesia, da cultura e da rebeldia. Inegavelmente moramos em uma cidade bela que a natureza e os desígnios da vida nos proporcionam. Acredito que esta cidade poderia ser até mais bela, mais aprazível, bastando para tanto que viéssemos a juntar esforços - povo, empresários e governos - com tal objetivo, deixando-a limpa, com jardins, árvores, parques arborizados, casarões conservados e intensa atividade artística e cultural.

Por outro lado, além de morarmos em uma cidade bela, não me canso de afirmar que dispomos de um patrimônio cultural - na concepção antropológica da cultura - invejável, singular neste país. Nossas incontáveis manifestações folclóricas, a gostosa e diversificada culinária, a hos-

pitalidade, os dotes artísticos de todas as vertentes, os nossos poetas, escritores, os nossos dramaturgos, teatrólogos, pintores, fotógrafos, cantores, compositores, cantadores, entre outras muitas expressões culturais, estão aí para comprovar que não enveredamos pelo devaneio. Ouso repetir que ainda não soubemos explorar esse imenso cabedal cultural, em prol da melhoria do nosso povo.

São Luís, nos últimos quarenta anos, mudou, muito, porém, creio, sinceramente, que ficou mais bela, com ares viçosos, com mais charme, e irresistível sedução. Embora seja um apaixonado pela São Luís antiga - estando sempre a passear pelo seu Centro Histórico, pelas suas ruas e becos sinuosos, galgando as suas ladeiras - não posso deixar de reconhecer que a nova cidade injetou mais beleza, mais glamour, na cidade antiga, talvez até mesmo pelo aspecto dialético do contraste. Às vezes deparo-me contemplando a São Luís antiga, em outros momentos estou a admirar a São Luís velha. A propósito, dessa dupla admiração, expresso, no parágrafo seguinte, um poema:

Ando, vejo e admiro / A São Luís tão jovem / A São Luís tão velha / Às vezes prefiro à jovem / No mais das vezes / Opto pela São Luís antiga / A minha São Luís velha / Caminho e encontro-me / Na praça do Gonçalves Dias / Contemplo em deslumbre / Dois amores / De um lado / A São Luís do meu passado / Dos meus antepassados / Incontinenti, apuro os meus ouvidos / Ouço o repericar dos velhos sinos / Ora, o troar dos tambores / Do outro lado / Observo a São Luís novinha / Consigo ouvir os seus rumores / Na Rua Grande / Bem cedinho / Escuto o burburinho / Pombos que gorjeiam / Jornaleiros que anunciam / Tabuleiros que deslizam / Homens que já negociam / Tarde de domingo / Vou à mãe d' água / Chego bem pertinho / Pergunto a ela / O tempo passa, tu não vais passar / No meu imaginário de criança / Quero sempre te ver / Quero sempre te adorar / A noite chega / A tarde finda / Vou pela rua grande / Ao encontro da viaração / Atrás das vitrinas / Que sumiram / Ou mudaram de lugar / Ouço vozes que me ensinam / O tempo passou

menino / Em algum shopping / As vitrinas que tu buscas / Devem por lá estar.

Verdadeiramente, São Luís passou por uma metamorfose. Não temos mais os bondes, os filmes no Éden, Roxy, Rialto, Cine Monte Castelo, Rex e no Rialto; há muito perdemos o “Companheiro” que vendia saboroso “Cachorro Quente” nas portas dos colégios, estalando os dedos; ficamos sem as irreverências mil de Erasmo Dias e a prosa divertida e gostosa do Luis Alves Mounier; foi-se a preocupação ecológica de Francisco de Paula Gomes e a veia poética e embevecida de Bandeira Tribuzzi; desapareceram a boemia de Gerente e a pose e pompa de Rei dos Homens; lamentamos a perda do intelecto de Rubens de Almeida e do amor ao folclore de Vadelino Cécio, Lopes Bogéa e do Lauro; não saboreamos mais os gostosos peixes que o Senhor Cândido vendia ao meu pai Ovídio, no Portinho, e nunca mais ouvimos as serenatas do Mocyry Neves, acompanhado do Zé Hemetério; “Bota-Prá-Moer” com a sua fértil loucura e os gritos dos pregoeiros sumiram; deixei de ver a elegância e a combatividade do Advogado Heider Freitas, assim como de ouvir as conversas na “Assembléia dos Senhores” do Retiro Natal. Sem toda essa riqueza cultural, porém, alegres, vamos cantar o amor, por morarmos nesta Ilha e a venerarmos; vamos cantar, em alto e bom som, “Louvação a São Luís”.